

O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO- ENUNCIATIVO DA METONÍMIA, NO DISCURSO GRAMATICAL, DE ANDRÉS BELLO

THE NON-ENUNCIATIVE FUNCTIONING OF METONYMY IN GRAMMATICAL DISCOURSE, BY ANDRÉS BELLO

Kelly Cristini Granzotto Werner*

RESUMO: Este artigo resulta do trabalho doutoral (Werner, 2022). Fiz um recorte buscando dedicar-me ao estudo do funcionamento enunciativo da metonímia, no interior da teoria da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002, 2018), como mais uma forma de reescritação dos sentidos, constituídos no momento do dizer. Para fazer esse estudo, considero um dos funcionamentos básicos da enunciação, propostos nesse marco teórico, a reescritação. Servem de material de análise fragmentos do discurso da *Gramática de la lengua castellana, destinada al uso de los americanos* (1847), do venezuelano Andrés Bello. Os resultados mostram que a metonímia se apresenta como mais um modo de reescritação enunciativa por substituição entre os já apresentados na teoria, operando no discurso metalinguístico e instaurando possibilidades de sentidos que se constituem a partir de seu funcionamento. Além disso, a língua designada metonimicamente nesse instrumento linguístico revela sua heterogeneidade constitutiva.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica do Acontecimento; Reescritação; Metonímia.

ABSTRACT: This article is derived from my doctoral research (Werner, 2022). I have focused on the enunciative functioning of metonymy within the framework of Event Semantics (Guimarães, 2002, 2018), as another form of re-scripting meanings created at the moment of utterance. In conducting this study, I consider one of the fundamental functions of enunciation proposed within this theoretical framework: re-scripting. The analysis is based on excerpts from Gramática de la lengua castellana, destinada al uso de los americanos (1847), by the Venezuelan Andrés Bello. The findings

* Doutora em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2022). Mestre em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2006). Especialista em Metodologias Inovadoras Aplicadas à Educação pela Faculdade Internacional de Curitiba, FACINTER/CBED (2006). Graduada em Letras-Português (1996) e em Letras-Español (2003) pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Professora de Língua Espanhola do Colégio Politécnico da UFSM. E-mail: kelly.werner@ufts.m.br

indicate that metonymy operates as an additional mode of enunciative re-scripting by substitution, among those previously identified in the theory. It functions within metalinguistic discourse, establishing new meaning possibilities arising from its operation. Furthermore, the language designated metonymically in this linguistic tool reveals its constitutive heterogeneity.

KEYWORDS: Event Semantics; Re-scripting; Metonymy.

INTRODUÇÃO

No âmbito do estudo de tese de doutorado¹, realizado sobre a noção de língua na *Gramática de la lengua castellana, destinada al uso de los americanos* (1847), de Andrés Bello², a partir do marco teórico-metodológico-analítico da Semântica do Acontecimento (2002, 2018), de Eduardo Guimarães, principalmente, no momento da realização da análise dos enunciados selecionados, não encontrei uma categoria dentro da proposta que pudesse abarcar totalmente a análise. O objetivo era compreender a noção de língua presente na gramática, analisando a designação³ do nome da língua (*lengua castellana*), suas formas de ser redita e sentidos constituídos. A retomada por substituição foi a mais recorrente no discurso grammatical estudado. Entre as tentativas e os exercícios de análise, apresentou-se o procedimento da metonímia como mais um tipo de substituição, que daria conta do que estava sendo analisado.

Realizado o trabalho analítico e defendida a tese, este artigo se propõe a apresentar a metonímia como um procedimento possível de enunciação e de sentido a mais dentro da teoria da Semântica do Acontecimento (2002, 2018).

¹Tese de Doutorado apresentada por mim ao PPG Letras UFSM – RS – BR, em 2022, cujo título é “**A noção de língua na Gramática Castellana (1847), de Andrés Bello: conjuntura histórica e política**”. O trabalho foi orientado pela profa. Dra. Eliana Rosa Sturza (UFSM).

²Andrés de Jesús María José Bello López nasceu em Caracas, Venezuela, em 1781 e faleceu em Santiago, Chile, em 1865. Pertenceu a uma família culta, teve acesso à educação clássica e religiosa, formando-se a partir dos valores da Ilustração. Bello sabia latim, francês e inglês e era leitor e estudioso de textos europeus. Formou-se em Artes, na Universidade de Caracas. Exerceu várias funções durante sua vida, entre elas: funcionário no governo em Caracas, professor (inclusive de Simon Bolívar), diplomata em Londres, durante 19 anos, senador no Chile, um dos fundadores e reitor da *Universidad de Chile*. Foi um polígrafo, atuando em diferentes áreas do saber: literatura, língua, filosofia, direito, jornalismo. Escreveu e publicou muitas obras, mas as duas de maior destaque são o **Código Civil de la República de Chile (1856)** e a **Gramática dela lengua castellana destinada al uso de los americanos** (1847). Para saber mais sobre o autor e sua obra ver o artigo “Andrés Bello e seu tempo: considerações sobre vida e obra” (Werner e Sturza, 2020) e o livro **Língua, História e Política na Gramática Castellana (1847), de Andrés Bello**: uma leitura semântico-enunciativa (2023).

³“A designação é o sentido de uma expressão, constituído enunciativamente” (Guimarães, 2021, p. 6). Ou ainda, “[...] é a significação de um nome em relação a outros, à história, que está ligada ao que o nome significa no acontecimento, na enunciação” (Werner, 2022, p. 157).

A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

A Semântica do Acontecimento (SA, 2002), também conhecida como Semântica Histórica da Enunciação (SHE), é uma das correntes da Semântica praticada por alguns pesquisadores no Brasil, e tem em Eduardo Guimarães o seu maior expoente. Essa corrente vê a linguagem sob a perspectiva histórica e política, e o sentido como aquele que é constituído simbolicamente, no acontecimento da enunciação. Segundo Guimarães (2018, p. 22-23),

A enunciação é um acontecimento que produz sentido. Ou seja, o sentido se produz pela enunciação, pelo acontecimento de funcionamento da língua. E este acontecimento se apresenta como se dando pela existência de uma língua, porque há falantes que são tomados enquanto falantes pela relação com tal língua. [...] é o acontecimento do funcionamento da língua no espaço de enunciação.

Nesse sentido, concordamos com o autor de que “a enunciação é o funcionamento da língua”, o que significa que “dizer é enunciar produzindo o funcionamento das línguas” (Guimarães, 2023, p. 120). O funcionamento das línguas se dá em espaços de enunciação e se caracteriza por ser de natureza sócio-histórica. Assim, o ato de enunciar é determinado socialmente por um agenciamento do falante.

Nessa semântica, o acontecimento não é um fato no tempo, mas tem sua própria ordem, ou seja, constitui sua temporalidade, sobre a qual os sentidos se constituem. Ela se configura a partir de duas relações, a do agora (presente) e a da latência de futuro (futuridade). Essa temporalidade atualiza o que Guimarães (2002, p. 14) chama de “memorável”, isto é, um passado de significações de outras enunciações, e abre a possibilidade para novas interpretações e sentidos. Esse “passado aqui” (Steigenberger *et al.*, 2011, p. 63), ou seja, um passado que está no presente do acontecimento enunciativo, proporciona ao analista encontrar um passado no enunciado e apontar os efeitos de sentido que projeta. Isso configura o histórico na linguagem, a historicidade, a memória que constitui os sentidos.

Tal forma de configuração do acontecimento põe em relação a língua e o falante, de modo que não há línguas sem os falantes e nem os falantes sem as línguas. Isso permite compreender que o acontecimento se dá em um espaço de enunciação, em que as línguas funcionam em relação a outras, de modo diferente, distribuição essa que afeta também os falantes. A partir dessa ordem, “o espaço de enunciação é, então, um espaço político do funcionamento das línguas. O agenciamento dos falantes, enquanto tal, pelas línguas, é político, pois é necessariamente desigual” (Guimarães, 2018, p. 23-4).

Nessa visão teórica, portanto, os espaços de enunciação se originam a cada ato de enunciação, sendo afetados pelas condições sócio-históricas desse momento que é único e

desigual, porque é um espaço de disputa pelo direito e modo de dizer, de divisão, não correspondendo a espaços geográficos ou cronológicos, embora nada impeça que possam coincidir.

No caso do texto estudado, o gramático Andrés Bello ao tomar a língua espanhola e dizer “eu” é afetado pelo espaço de enunciação que determina o que diz. Isso resulta na configuração do que Guimarães (2002) tem chamado de “cena enunciativa”⁴ onde surgem “as figuras da enunciação”, os falantes, que são os lugares de dizer que ali ocupam. Nessa cena, vê-se o espaço de disputa de palavra entre os falantes, revelando que o espaço de enunciação dos discursos na gramática é de natureza política. Conforme já dissemos em Werner (2022, p. 191-192): “O espaço de enunciação da **Gramática** (1847) é o da língua espanhola enquanto língua nacional e oficial do Chile, das demais nações latino-americanas e da Espanha. É o de uma língua que se divide entre o pertencimento ao Estado-Nação e às classes sociais e intelectuais a que os falantes pertencem. Esse espaço se caracteriza então pela relação entre falantes e línguas”.

Em síntese, a cena enunciativa muda a cada enunciação, como consequência do agenciamento do falante no espaço de enunciação, que se instaura na e pela língua que fala. Se a enunciação ocorre em cenas enunciativas, ela se torna uma “categoria metodológica” (Guimarães, 2023) e descritiva interessante para o analista que toma a Semântica do Acontecimento como modo de compreender o funcionamento das línguas e seus sentidos.

Nesse sentido, compreender que o falante faz parte da configuração dos lugares de dizer na cena enunciativa, possibilita concebê-lo como “uma categoria linguística e enunciativa, um lugar de enunciação” (Werner, 2002, p. 192) e não como uma pessoa “dona” do seu dizer. De acordo com a SA (2002), pelo agenciamento que o falante sofre, conforma-se um cenário de relações que se dá em uma tríade, ou seja, entre quem, para quem e o que se enuncia. Isso resulta em três lugares de enunciação, em três figuras (e seus correlatos)⁵: o Locutor (L), o alocutor (al-x ou -x) e o Enunciador (E).

O L é quem “assina” o discurso. Por exemplo, na **Gramática** (1847), é Andrés Bello. Ainda que tenha essa ideia ilusória de ser a fonte do dizer, precisa dividir-se, ou seja, precisa ocupar um lugar social de dizer, ocupar papéis enunciativos, que o autorizem a enunciar, e passa a ser o alocutor. No caso estudado, pode ser o falante nativo Bello, o intelectual, o gramático, o filólogo, o professor. Em síntese, “[...] para o Locutor se representar como origem do que se enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor” (Guimarães, 2002, p. 24).

O E é o Enunciador, os lugares de dizer, os pontos de vista que representam diferentes perspectivas dos lugares de dizer, o que é dito e como é dito. De acordo com a SA (2002), o E

⁴ A cena enunciativa se caracteriza por “constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (Guimarães, 2017, p. 31).

⁵ Locutor (L) instaura a alocução, o Locutário (LT); o alocutor-x (al x) corresponde ao alocutário-x (at-x); e o Enunciador (E) não apresenta correlato, pois, conforme ensina Guimarães (2018, p. 62), “não projeta um tu, é um modo de o eu se apresentar na sua relação com o que se diz (o que se diz por quem diz)”.

pode apresentar o ponto de vista sobre algo de quatro maneiras: a individual (assume sozinho o que diz), a coletiva (apresenta a voz de todos em uma única voz, um dizer compartilhado que representa um grupo), a genérica (voz que apresenta um todo sem autoria, em discursos do senso comum como provérbios, ditos populares) e a universal (voz que coloca a perspectiva da verdade).

CATEGORIAS DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE: ARTICULAÇÃO E REESCRITURAÇÃO

Na Semântica do Acontecimento (SA), Guimarães (2002, 2009, 2018, 2023) propõe a articulação e a reescrituração como dois modos de funcionamento da enunciação e de constituição de sentidos na língua. Segundo o autor “São dois modos de funcionamento que nos dão dois acessos aos sentidos produzidos pelo acontecimento” (2023, p. 130) e, considerando esse entendimento, o analista pode tomar os referidos modos como categorias gerais de descrição e análise do enunciado, que é a unidade de trabalho da SA. O enunciado é definido, na teoria, como “unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa” (Guimarães, 2018, p. 15), características apresentadas como inseparáveis.

A articulação diz respeito à consistência interna do enunciado, ou seja, à relação de combinatória, de contiguidade linguística dos elementos que o compõe, significada pela enunciação (Guimarães, 2009). Nesse modo, as relações que funcionam nos enunciados podem se dar por dependência (por exemplo, a referência, a caracterização, a predicação), coordenação (no caso, a enumeração, as relações argumentativas) e incidência (relações argumentativas).

A reescrituração refere-se a um tipo de relação referente à independência relativa do enunciado e consiste em redizer algo que já foi dito, através de expressões linguísticas que retomam outra(s). Nessa retomada, a forma reescriturada não significa mais o mesmo. Isso se explica porque cada enunciação é única e irrepetível.

Esse modo de relação enunciativa a que o autor se refere pode se dar no interior do texto e entre textos, através de maneiras diversas, colocando em funcionamento o que Guimarães (2002, p. 28) chama de “operação enunciativa de atribuição de sentido (determinação semântica)”.

Na SA (2018), a reescrituração pode ocorrer por repetição (repete-se a mesma forma linguística, de forma completa ou reduzida. No caso estudado, “*lengua castellana*” ou “*lengua*”), substituição (muda-se uma forma por outras, como, por exemplo, “*nuestro romance*”, “*lengua española*”, “*nuestra lengua nativa*”, “*idioma*”, “*castellano*”, “*nuestra lengua*”, “*los americanos*”, etcétera), elipse (omite-se a forma linguística, que é percebida no enunciado por outra pista, seja pela pontuação, por parênteses, reticências, entre outras), expansão (utiliza-se uma expressão que amplia o sentido da reescriturada, de modo a generalizar, desenvolver, enumerar) e

condensação (retoma-se por concisão), conforme a síntese apresentada pelo autor e exposta no Quadro 1:

Quadro 1 – Modos de reescrituração e sentidos

<i>Modos de reescrituração</i>	<i>Sentido</i>
Repetição	Sinonímia /hiperonímia
Substituição/Eipse	Especificação /definição
Expansão	Desenvolvimento /generalização/ enumeração
Condensação	Totalização/generalização

Fonte: Guimarães (2018, p. 93).

Considerando o entendimento do que vem a ser a enunciação e de outros trabalhos que desenvolvi, sob o marco teórico da SA, tenho compreendido que os modos de reescrituração e seus sentidos, dispostos nesse quadro, não são estanques, podendo surgir outros modos bem como haver deslocamentos entre eles. Em minha pesquisa doutoral, trabalhei com a reescrituração e, ao fazer a análise, havia enunciados em que se apresentou uma forma de substituição que não estava contemplada no quadro: a substituição por metonímia.

A METONÍMIA COMO PROCEDIMENTO DE REESCRITURAÇÃO ENUNCIATIVA

A palavra “metonímia” tem origem na união de duas palavras gregas *meta* (mudança) + *onoma* (nome), que pode ser traduzida por “além do nome” ou “mudança do nome”. Ela é uma figura de linguagem, que consiste na substituição de uma palavra ou expressão por outra. No entanto, o processo metonímico não é aleatório, ele só acontece quando há uma ligação entre essas palavras no texto, ou seja, uma relação de contiguidade entre o sentido da palavra e o sentido daquela que a substitui. Sendo assim, pode ocorrer de diferentes formas: emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do indivíduo pela classe, do falante pela língua, entre outras possibilidades. Na análise proposta, há um elo entre língua espanhola e seus falantes, língua espanhola e seu espaço de funcionamento (lugar), língua espanhola (todo) e suas particularidades/sua gramática (partes). Admitir esses três modos de relação metonímica na forma de enunciar do gramático significa considerar outra maneira de designação do nome da língua ou de redizê-lo para além das formas explícitas ou elípticas de “*lengua castellana*”, que também comparecem no texto.

Podemos ver o processo de reescrituração por substituição metonímica funcionando no exemplo, transcrito a seguir: “**El verbo castellano** tiene formas simples i compuestas, significativas de tiempo” (Bello, 1847, p. 143. Cap. XXVII. Corpo.). O enunciado pode ser parafraseado por: – *El verbo de la lengua castellana tiene formas simples i compuestas, significativas de tiempo*. Esse movimento parafrástico permite ver o funcionamento metonímico, o que leva a considerar

a ocorrência da designação do nome da língua e de sua reescrita, já que há alusão a ela, no plano enunciativo, expressada na substituição da parte (*el verbo castellano*) pelo todo (*lengua castellana*). Esse mesmo processo de funcionamento ocorrerá nos recortes 1 e 2, que apresento na sequência, nas análises do grupo 1.

Nos estudos que tenho me dedicado a realizar sobre o discurso gramatical de Andrés Bello, os modos de reescrita por substituição e por repetição sinônima/hiperonímica são os mais recorrentes. Ao deparar com os recortes selecionados para análise na tese (Werner, 2002), alguns deles mostro neste artigo, encontrei grande incidência da substituição, mas não havia um sentido do quadro proposto por Guimarães (2018) que abarcasse o funcionamento do que se apresentava nelas. Parecia que o gramático dizia muitas outras coisas que têm alguma ligação com a língua para designar o nome da língua. Por exemplo, dizer o lugar de uso pela língua, o falante pela língua, elemento/estrutura pela língua, o instrumento/gramática pela língua. Essa forma enunciativa me levou a pensar na substituição por metonímia, como mais uma possibilidade de instauração de sentidos no momento de dizer, no caso, no discurso do gramático venezuelano sobre a língua que queria descrever na gramática.

ANÁLISES: A METONÍMIA EM FUNCIONAMENTO

A seleção do *corpus* deste artigo foi realizada a partir do procedimento da “sondagem”, que, segundo Guimarães (2018, p. 76), consiste em escolher enunciados relevantes a partir de uma pergunta de pesquisa do analista, para depois proceder às etapas de descrição e análise. Dessa forma, fiz recortes, no interior da *Gramática de la lengua castellana, destinada al uso de los americanos* (Bello, 1847), guiada pela pergunta principal: que expressões são utilizadas para designar *lengua castellana*, na obra, pelo procedimento da reescrita por substituição metonímica?

Para proceder à descrição e à análise, lanço mão da categoria semântico-enunciativa da reescrita, considerando que, para a SA, o acontecimento de enunciação se produz no espaço de enunciação, refletido na cena enunciativa, em relações de natureza política, isto é, de conflito, de divisão e de desigualdade.

A seguir, apresento e analiso seis (6) recortes⁶, que representam o modo de reescrita do nome da língua pela substituição metonímica, juntando-os em três grupos, pelo critério de funcionamento: Grupo 1 – parte pelo todo; Grupo 2 – falante pela língua; e Grupo 3 – lugar pela língua. Sinalizo, em negrito, a forma linguística que reescreve a designação “*lengua castellana*”.

⁶Os recortes conservam a ortografia da primeira edição da *Gramática* (1847).

GRUPO 1 – REESCRITURAÇÃO DA DESIGNAÇÃO NO NOME DA LÍNGUA “LENGUA CASTELLANA” POR SUBSTITUIÇÃO METONÍMICA: PARTE PELO TODO

Recorte 1 – La mutacion de *z* en *c* es de mera **ortografía** (b) [...] Esta es una concesion que todavía hacemos uso, o por mejor decir, a un abuso que no puede justificarse. Para escribir *capaces*, *raices*, *cruces*, no es suficiente escusa la jeneralidad de esa práctica, una vez que la Academia misma no se paró en esta consideracion para sustituir en infinidad de vocablos la *c* a la *q*, i la *g* a la *x*, escribiendo, por ejemplo, *elocuencia*, *egército*, donde ántes todos *eloquencia*, *exército*. Ni se hable de antigüedad; pues ántes del siglo XVIII se escribia frecuentemente *capazes*, *luzes*, *felizes*. Ni se apele a la etimoloxia, que es mas bien una razon a favor de la *z*; *luzes* nace inmediatamente de *luz*; i no parece razonable preferir la derivacion remota que pocos conocen, a la derivacion inmediata que está a vista de todos (Bello, 1847, p. 31. Cap. V. Corpo + N. rodapé b).

Recorte 2 – Otras veces redundá **este que**: “Suplico a vuestra merced que, porque no encarguemos nuestra conciencia, confesando una cosa por nosotros jamas vista ni oida, *que* vuestra merced sea servido de mostrarnos algun retrato de esa señora”. (Cervántes) Nada mas comun que este pleonasmo en nuestros clásicos; pero segun el uso moderno es una incorrección que debe evitarse (Bello, 1847, p. 234. Cap. XXXVI. Corpo).

Nos dois recortes, a designação do nome da língua (*lengua castellana*) não é reescriturada explicitamente por alguma formação nominal (FN)⁷ como “*nuestro romance*”, “*lengua castellana*”, “*nuestro idioma*”, recorrentes na obra. No entanto, entendo que nem por isso, deixa-se de redizer.

No Recorte 1, o tema é a ortografia: “*mutación de z em c*”. Esse recorte (e outros) tem reescrituração que funciona por substituição metonímica em que há um sentido de especificação da parte pelo todo, em que se tem a ortografia como parte, redizendo “*lengua castellana*”, o todo.

Nesse caso, o alocutor-gramático, ainda que, em um momento, mobilize o Enunciador coletivo (*hacemos uso*) também deixa falar um E individual, que predomina em suas avaliações negativas diante do tema (*mera ortografía*; *un abuso*; *no es escusa suficiente*; *ni se hable de*; *ni se apele a*) e seus argumentos (*Academia*, *antigüedad*, *etimología*, *uso de pocos*). Aqui o Locutor Bello reafirma seu pensamento sobre esse aspecto ortográfico, pois já o defendia em outro texto: “*Indicaciones sobre la conveniencia de simplificar y uniformar la ortografía en América*”, que propôs em 1823, junto a García del Río.

Esse recorte reflete o ambicioso projeto ortográfico, fazendo ressoar duas ideias como memoráveis. A primeira delas é a defesa do critério da pronúncia e do uso (uma letra para cada som, conforme já defendiam Nebrija e Quintiliano), em vez do fator etimológico usado pela *Real Academia Española* (doravante RAE) para a ortografia. A outra é alusão a um princípio evolucionista e positivista do século XIX, em que sua proposta ortográfica mais simplificada, visando à aprendizagem pelos falantes, faria com que eles pudessem alcançar um estágio superior na língua e na sociedade. Jaksić (1999, p. 514, grifo do autor) nos conta que “Bello

⁷Aqui utilizo a expressão “Formação nominal”, conforme definição de Dias (2015).

redactó su *Gramática* de acuerdo a la misma ortografía que había defendido”, no texto de 1823. Ao discordar da norma existente, que procedia da RAE, lançou sua proposta, a qual um falante de espanhol de hoje é capaz de reconhecer que não se consolidou. No entanto, alguns aspectos desse texto ainda ressoam no universo hispano-falante, como é o caso da letra *h*.

Se for feito movimento parafrástico, a partir do Recorte 1, é possível confirmar o funcionamento metonímico e comprovar a ocorrência da designação do nome da língua e de sua reescrita, já que há alusão a ela, no plano enunciativo, expressada na substituição. O enunciado pode ser parafraseado por: Recorte 1’ – *La mutación de z en c es de mera ortografía de la lengua castellana.*

O Recorte 2 trata de um uso do pronome relativo “*que*”, em língua espanhola. Nesse recorte, a reescrita se dá por substituição metonímica e por especificação. A FN “*lengua castellana*” é substituída por “*este que*” e traz particularizações “*este pleonasio en nuestros clásicos*” e “*una incorrección en el uso moderno*”. Elas se reportam a diferentes épocas de uso de “*este que*”, o antigo (*nuestros clásicos*) e o atual (*uso moderno*). Além disso, para cada um desses períodos do uso, há uma definição carregada de avaliação pessoal (*pleonasio*, ontem; *incorrección*, hoje).

Então, tem-se “*este que*” retomando “*lengua castellana*”, como já foi dito, mas também “*pleonasio en nuestros clásicos*” e “*una incorrección en el uso moderno*”, funcionando como reescrituras de “*este que*” pelo modo de substituição, com sentido de definição. As paráfrases possíveis são: Recorte 2’ – *Otras veces redonda este que de la lengua castellana/del castellano es un pleonasio en nuestros clásicos, pero según el uso moderno es una incorrección que debe evitarse;* Recorte 2” – ***Este que del castellano*** es un pleonasio en nuestros clásicos, pero según el uso moderno es una incorrección que debe evitarse; Recorte 2” – ***Este que*** es un pleonasio en nuestros clásicos, pero según el uso castellano moderno es una incorrección que debe evitarse.

Na cena enunciativa, o L fala do lugar social de gramático. Movimenta-se entre o lugar de dizer de um E individual para um coletivo e retorna para um Enunciador individual. Isto nos leva a considerar que: todo o início da SE pode ser atribuído ao E individual; “*Nada más comun que este pleonasio en nuestros clásicos*” pode ser atribuído ao E coletivo; e a última parte da SE é de responsabilidade do E individual novamente, que também é o lugar de dizer da conclusão. O movimento enunciativo realizado torna possível ver a sobreposição do E individual.

O L apresenta um E individual, que traz o uso do que em um exemplo escrito de Cervantes, autor do Século de Ouro da literatura espanhola mais citado por Bello na Gramática (1847), para mostrar que era comum até nos clássicos literários. Esse E define tal uso como um pleonasio. Contrapõe esse uso ao moderno, quando diz “*pero*”, um operador adversativo, que orienta a argumentação em favor do que será dito depois dele “*una incorrección que debe evitarse*”, que funciona como conclusão. Sendo assim, tomando como base o uso moderno, o E individual se posiciona sobre o uso do “*que*”, recomendado que seja evitado, não podendo integrar a norma porque é um uso redundante, incorreto e arcaico da língua espanhola.

GRUPO 2 – REESCRITURAÇÃO DA DESIGNAÇÃO NO NOME DA LÍNGUA “LENGUA CASTELLANA” POR SUBSTITUIÇÃO METONÍMICA: FALANTE PELA LÍNGUA

Recorte 3 – Los compuestos de *negar* le imitan, v. gr. *renegar*, yo *reniego*. *Anegar* lo es solo aparentemente [...]. **Los americanos** lo hacemos irregular de esta clase, yo *aniego*, i aun hemos formado el sustantivo *aniego* (inundacion); pero en **los escritores peninsulares** no he visto otras formas que la regulares *yo anego*, *tú anegas* (Bello, 1847, p. 126. Cap. XIV. Corpo).

Recorte 4 – [b] Es preciso advertir a **los niños chilenos** que no deben decir *is* por *eis*, como lo hace **la plebe**, pronunciando v.gr. *juguéis* por *juguéis*, *tenis* por *teneis*; ni *imos* por *emos* en el presente de indicativo de la segunda conjugación; v. gr. *Tuvimos* por *tenemos*. Se les ejercitará particularmente en conjugar ciertos verbos en que **la gente educada** i aun la que lo es suelen cometer faltas graves [...] (Bello, 1847, p. 119. Cap. XXIV. N. rodapé b)

O Recorte 3 apresenta a retomada do nome da língua pelo modo de substituição por metonímia nas FN's “*Los americanos*” e “*los escritores peninsulares*”, e o sentido é de especificação. Isso porque “*lengua castellana*” é particularizada pelo uso dos falantes latino-americanos e peninsulares, que ocupam o seu lugar no plano enunciativo.

O Locutor, desde o lugar de alocutor-gramático, apresenta o dizer sobre determinado uso da língua – verbo *anegar* – por uma voz individual, que divide o lugar de dizer com uma voz coletiva. Inicia o discurso sobre a língua como E individual, no primeiro enunciado (*aparentemente*), depois se coloca como E coletivo, que representa a inclusão do alocutor entre os alocutários, a comunidade latino-americana falante de espanhol. As marcas formais dessa inclusão são “*los americanos; hacemos; hemos formado*”. Isso significa que o gramático é também um falante dessa língua na América Latina. Finaliza, retornando como E individual, no enunciado final (*pero...no he visto...*).

A movimentação dos E na cena enunciativa mostra uma disputa entre o uso da língua na América Latina e o uso escrito da língua espanhola, na Península (Espanha). Há um articulador, o conector “*pero*”, entre os enunciados em que essa relação se dá. Esse conectivo orienta a argumentação em favor da ideia conclusiva que lhe sucede. Sendo assim, é possível interpretar que o L, no papel de gramático, se responsabiliza sozinho pelo que diz, não parecendo favorável ao uso do verbo, no presente, de modo irregular, pelos latino-americanos, quando é tomado como regular na escrita literária dos peninsulares. Nesse caso, a literatura é o modelo.

O Recorte 4 está em uma nota de rodapé, na gramática. A cena enunciativa se configura por um alocutor-gramático que faz uma advertência às crianças chilenas, sobre a pronúncia de determinados verbos, a partir de um Enunciador individual. Essa voz chama atenção para o fato de que a “*plebe*” comete essa falta e, em alguns casos, também o falante culto, a quem Bello designa por “*gente educada*”. Isso mostra que esse uso repudiado pelo gramático não é exclusivo de um grupo de falantes.

Nesse recorte, há três formas linguísticas que redizem a designação do nome da língua: *los niños chilenos, la plebe, la gente educada*. As reescrituras ocorrem por substituição metonímica em que o sentido de especificação do falante (crianças chilenas, falante culto e não culto, a quem Bello designa por “*jente ignorante*”) é dado pela língua que fala (*lengua castellana*).

Neste artigo, apresento dois exemplos desse modo de reescritação, em que o falante é tomado pela língua, no discurso metalingüístico de Bello, para redizer o nome da língua, mas esse recurso é bastante utilizado. É o que podemos ler na **Gramática** (1847), quando traz escritores⁸ (73, como Miguel de Cervantes, o mais citado, Fr. Luís de Granada, Calderón de la Barca, Félix Lope de Vega, Gracilaso de la Vega, Leandro F. Moratín, entre tantos outros), gramáticos/instituição (Vicente de Salvá, D. Juan Antonio de Puigblanch, Garcés, RAE) e demais falantes dessa língua (*americanos, peninsulares, españoles, niños chilenos, la plebe, la gente educada, la gente ignorante, buenos autores, nuestros clásicos, poeta castellano, entre outras formas nominais*). Esse agenciamento enunciativo do gramático, ao apontar quem faz uso da língua, quem são os falantes e onde estão, revela um discurso metalingüístico diferente do que se apresentava em gramáticas de língua espanhola, para aquele tempo.

GRUPO 3 – REESCRITURAÇÃO DA DESIGNAÇÃO NO NOME DA LÍNGUA “LENGUA CASTELLANA” POR SUBSTITUIÇÃO METONÍMICA: LUGAR PELA LÍNGUA

Recorte 5 – En **varias provincias de España i de Hispano-América** se hace un uso impropio de la forma en *se* (*cantase, hubiese cantado*), en la apódosis de las oraciones condicionales que llevan negación implícita. Dícese, por ejemplo, “*Yo te hubiese escrito, si hubiera tenido ocasión*”, en lugar de *yo te hubiera o te habría escrito*. Esta corrupcion es comunísima en **las Repúblicas Australes**, i debe cuidadosamente evitarse (Bello, 1847, p. 169. Cap. XXVIII. Corpo).

Recorte 6 – Es señor, como una perla / La Hipólita.” (Calderon). (b.) No creo que haya motivo de reprobar el artículo definido que se junta casi siempre con los nombres propios de mujer en **algunas partes de América**: *La Juanita, la Isabel, la Dolores* (Bello, 1847, p. 200. Cap. XXXI. Corpo + N. rodapé).

O Recorte 5 contém reescriturações da designação do nome da língua em torno de um uso verbal muito praticado pelo falante: o pretérito imperfeito do subjuntivo em -ra e -se. As reescrituras se dão pelo modo de substituição metonímica, ou seja, o lugar pela língua. Conforme as categorias de Guimarães (2018), o sentido é de especificação e de definição. A forma “en”, com valor semântico de lugar, particulariza a língua, mostrando que o uso supracitado ocorre na língua espanhola, em “*varias provincias de España e Hispano-América*”.

Tal uso é condenado pelo Locutor, que se manifesta autorizado pelo lugar social de dizer (al-x), o de gramático. Este apresenta um E individual para fazer uma avaliação negativa do modo de falar referido, podendo ser identificado em: “*diferencia delicada, i sin embargo...; uso*

⁸ Para mais detalhes sobre autores e exemplos citados por Andrés Bello, em sua gramática (1847), ver Werner (2022).

impropio; esta corrupcion es comunísima en las Repúblicas Australes, i debe cuidadosamente evitarse". Esse recorte mostra que a reprovação do uso linguístico, por parte do L, independe do lugar em que ocorre, revelando que as reescrituras movimentam sentidos que se fazem na relação norma-uso.

O Recorte 6 trata de um uso da língua reescriturada pelo artigo definido antes de nomes próprios. A realização acontece em alguma parte da América Latina. No recorte, "*lengua castellana*" é redita por substituição metonímica (espaço pela língua), na FN "*algunas partes de América*". A preposição "*en*" e o nome "*América*" particularizam a língua, pela determinação do lugar de enunciação daqueles usos.

O L assume o dizer no papel social de gramático, acionando um Enunciador individual. Este se responsabiliza sozinho pelo que diz sobre a "*lengua castellana*", determinado pelo lugar onde diz, e aparece marcado em *no creo que haya motivo de reprobar....*

Nesse recorte, a aprovação do uso do artigo definido antes do nome próprio, prática regular da época em algumas partes da América Latina, que, no espanhol atual, não é recomendada, é feita com base no exemplo literário de Calderón, escritor espanhol do Século de Ouro, que está no elenco de autores que Bello toma exemplos em sua gramática (1847). O gramático não especifica que falante usa o artigo dessa forma, o que permite inferir que esse uso circulava entre os cultos e não cultos. Se tal uso aparece no registro escrito e literário desse autor que escreve fazendo uso do "melhor" espanhol de todos os tempos, por que razão se rejeitaria sua ocorrência no espanhol latino-americano? Logo, o L Bello recorre ao argumento de autoridade linguística (gente educada) para validar o uso. Ou seja, esse uso é aceito como correto pelo gramático, é incluído na sua proposta de norma porque já fora usado nos clássicos literários castelhanos do Século de Ouro.

Realizadas a descrição e a análise, apresento no Quadro 2, uma síntese das rescriturações da designação do nome da língua (*lengua castellana*), pelo modo de substituição metonímica e seus sentidos, juntamente com os elementos da cena enunciativa.

Quadro 2 – Síntese das reescriturações de *lengua castellana* pelo modo substituição por metonímia

Recorte	Enunciados	Lugar social de dizer (al-x)	Lugar de dizer (E)	Forma	Procedimento	Sentido
R 1	Corpo	al-gramático	E individual E coletivo	ortografia	Substituição metonímica (parte pelo todo)	Especificação
R 2	Corpo	al-gramático	E individual E coletivo	este que	Substituição metonímica (parte pelo todo)	Definição
R 3	Corpo	al-gramático al-falante	E coletivo E individual	los americanos los escritores peninsulares	Substituição metonímica (falante pela língua)	Especificação
R 4	Nota de rodapé	al-gramático	E individual	los niños americanos la plebe la gente educada	Substituição metonímica (falante pela língua)	Especificação
R 5	Nota de rodapé	al-gramático	E individual	varias provincias de España i de Hispano-América las Repúblicas Australes	Substituição metonímica (lugar pela língua)	Especificação e Definição
R 6	Nota de rodapé	al-gramático	E individual	algunas partes de América	Substituição metonímica (lugar pela língua)	Especificação

Fonte: Elaboração própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo identificou que há, entre outras formas de designação da língua na *Gramática de la lengua castellana, destinada al uso de los americanos* (1847), uma designação metonímica da língua, na medida em que, enunciativamente, o gramático, em seu papel de autor, designa a língua “castellana”, objeto do instrumento linguístico em questão, parte pelo todo, falantes pela língua, lugar de uso pela língua, de modo que as estruturas, os falantes e os lugares de ocorrência compõem a língua em si, uma vez que enunciativamente são tomados para representá-la. Sendo assim, esse modo de reescritação da designação “*lengua castellana*”, na gramática analisada, possibilita sentidos que significam que essa língua é seus falantes, é seu lugar de uso e é a gramática em questão. Isso quer dizer que a língua designada metonimicamente nesse instrumento linguístico mostra sua heterogeneidade constitutiva. Nessa obra, a língua espanhola é um conjunto de diversidades.

A partir desse exercício analítico, é possível ampliar o quadro dos modos de reescritação e sentidos, acrescentando a substituição com sentido metonímico (em destaque), conforme o Quadro 3.

Quadro 3 – Modos de reescritação e sentidos

<i>Modos de reescritação</i>	<i>Sentido</i>
Repetição	Sinonímia /hiperonímia
Substituição/Elipse	Especificação /definição/ metonímia
Expansão	Desenvolvimento /generalização/ enumeração
Condensação	Totalização/generalização

Fonte: Elaboração própria, a partir de Guimarães (2018, p. 93).

Ainda assim, tenho compreendido que os modos de reescritação e seus sentidos não são estanques ao disposto no quadro proposto por Guimarães (2018), podendo surgir outros modos, bem como haver deslocamentos entre eles. Exemplo disso é a reescritação por substituição metonímica, que vimos funcionar nas sequências enunciativas analisadas na tese (Werner, 2002) e nos recortes neste artigo. Isso mostra que cada enunciado, analisado sob essa corrente enunciativa, é único e deve ser estudado como tal, pois constitui sentido no momento singular de sua enunciação, que funciona num espaço de enunciação particular, que configura a cena enunciativa que lhe é própria. Os resultados das análises empreendidas revelam as possibilidades que SA proporciona para analisar e compreender sentidos que se constroem na/pela enunciação.

REFERÊNCIAS

- BELLO, Andrés. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos.** Santiago de Chile: Imprenta del progreso, 1847. Disponível em: Biblioteca Nacional Digital do Chile. <http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MCoo14882.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- BELLO, Andrés . **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos.** Santiago de Chile: Imprenta del progreso, 1847.
- BELLO, Andrés ; DEL RÍO, Juan García. Indicaciones sobre la conveniencia de reformar y uniformar la ortografía en América. (1823) In: JAKSIĆ, Iván; LOLAS, Fernando; OLIVIER, Alfredo Matus. (Org.). **Gramática de la libertad.** Textos sobre lengua y literatura. Santiago de Chile: Fondo de Publicaciones Americanistas y Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad de Chile, 2013. p. 51-64.
- DIAS, Luiz Francisco. Formações nominais designativas da língua do Brasil: uma abordagem enunciativa. **Letras**, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 11-22, Jan./jun., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/lettras/article/view/11723> . Acesso em: 06 ago. 2019.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento:** um estudo enunciativo da designação. Campinas/ SP: Pontes Editores, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 51, n. 1, jan./jun, p. 49-68, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637219>. Acesso em: 17 jun. 2019.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica, enunciação e sentido**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018.

GUIMARÃES, Eduardo. Sobre teoria e método em semântica da enunciação. **Língua e instrumentos linguísticos**, Campinas, SP, v. 26, n. 51, p. 116-134, jan./jul., 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671816/32205>. Acesso em: 12 ago. 2024.

JAKSIĆ, Iván. La gramática de la emancipación. In: CARRERA DAMAS, G.; LOMBARDI, John (org.). **Historia general de América Latina**. v. 5. Madrid: Unesco, 1999. p. 507-521.

STEIGENBERGER, Fabiana Fernanda.; MACHADO, Julio Cesar; SILVA, Soeli Schreiber. Fronteira entre análise de discurso e semântica histórica da enunciação: abordagens teóricas. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 51-79, jul./dez., 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2563>. Acesso: 10 fev. 2020.

WERNER, Kelly Cristini Granzotto. **A noção de língua na Gramática Castellana (1847), de Andrés Bello: conjuntura histórica e política**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria, 2022.

WERNER, Kelly Cristini Granzotto. **Língua, História e Política na Gramática Castellana (1847), de Andrés Bello: uma leitura semântico-enunciativa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 407p.

WERNER, Kelly Cristini Granzotto; STURZA, Eliana Rosa. Andrés Bello e seu tempo: considerações sobre vida e obra. **Língua e instrumentos linguísticos**, Campinas, SP, v. 23, n. 46, p. 74-99, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8659184/23163>. Acesso em: 12 ago. 2024.

Recebido para publicação em: 12 set. 2024.

Aceito para publicação em: 14 abr. 2025.